

Dez anos da Lei Maria da Penha e crescem casos de violência contra a mulher

*Floriano Pesaro
Secretário de Estado de Desenvolvimento Social*

Maria da Penha Fernandes foi vítima de agressões que a deixou paraplégica e levou quase vinte anos para provar que sofria violência doméstica. Seu marido, condenado em dois julgamentos, ficou pouco tempo na prisão. O caso levou o país a ser denunciado na Comissão Interamericana de Direitos Humanos e sua condenação pela tolerância e omissão com os casos de violência contra a mulher fez com que o Brasil tivesse que buscar mudanças.

Em 07 de agosto de 2006 foi sancionada a Lei Federal 11.340, conhecida como Maria da Penha. A lei completa dez anos e se tornou um marco na luta das mulheres contra a violência porque a tipifica como uma forma de violação dos direitos humanos.

Apesar do debate ter ganhado força nos últimos anos, o ‘Mapa da Violência: Homicídio de Mulheres no Brasil’ publicado em 2015 traz um dado alarmante. O Brasil ocupa a incômoda 5ª posição no ranking de violência contra a mulher, atrás apenas de países como El Salvador, Colômbia, Guatemala e Rússia. O ranking compila dados de 83 países fornecidos pela Organização Mundial da Saúde.

Balanço do Disque 180 – a Central de Atendimento à Mulher da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres – registrou em 2015 cerca de 76,6 mil denúncias de violência. Em 72% dos casos foram cometidas por homens com quem as mulheres têm ou tiveram algum vínculo afetivo: atuais ou ex-companheiros. E em 40% a violência aconteceu de forma diária.

A lei trouxe grandes benefícios não apenas na parte jurídica e penal, mas fundamentalmente na construção de uma rede de políticas públicas intersetoriais de prevenção, proteção e atenção à mulher. Contudo, passados dez anos de sua aprovação, é preciso entender que a violência doméstica atinge mulheres de todas as classes sociais, de diferentes formações e profissões.

É uma questão cultural, patriarcal e machista e somente o constante debate e a disseminação da informação podem acabar com esse ciclo. É preciso continuarmos na luta por uma sociedade mais igualitária, humana e livre da violência.